

**TRADUZIR É REPRESENTAR: INTERSEÇÕES ENTRE O NÓS E OS OUTROS A PARTIR DOS RELATOS DE *CHUNGUI: VIOLENCIA Y TRAZOS DE MEMORIA* (2009), DE EDILBERTO JIMÉNEZ**

Kellen Hawena Pereira SOUSA<sup>155</sup>

**RESUMO:** A partir de uma seleção de nove relatos pertencentes ao corpus *Chungui: Violencia y trazos de memoria* (2009), de Edilberto Jiménez, analisarei as estratégias de representações de um “nós” e de um “outros”, ambos participantes do contexto do Conflito Armado Interno do Peru (CAI), entre os anos de 1980 e 2000. Na obra, os relatos são apresentados em dois formatos: uma tradução interlingual em Língua Espanhola, e uma tradução intersemiótica em desenhos. Essas traduções dialogam entre si, ao mesmo tempo que se suplementam e apresentam um espaço em que os moradores de Chungui puderam ter um lugar de enunciação e representar-se a si próprios. Assim, o lugar do “nós” é ocupado pelos sobreviventes desse conflito, bem como o próprio Edilberto Jiménez, antropólogo, retablista e falante de Quéchua; que, ao envolver-se em alguns projetos políticos, vai até interiores de Ayacucho – onde o distrito de Chungui está localizado – recopila os testemunhos dos que viveram e sobreviveram à guerra que colocou peruanos contra peruanos. O local dos “outros” é compreendido como as representações que em seus relatos os chunguinos fazem do Estado, do Partido Comunista Peruano – Sendero Luminoso e das Forças Armadas, que, nos relatos testemunhais posteriores ao CAI são mencionados como exteriores às vidas desses narradores e por esse motivo distanciam-se do “nós”. E as interseções são apreendidas no contexto violento do CAI, em que a precarização da vida desses moradores torna-se maior, a morte converte-se em algo banal e passível de acontecer a qualquer um.

**Palavras-Chave:** Tradução. Representação. Conflito Armado Interno do Peru. Sujeito andino.

**TRANSLATING IS REPRESENTING: INTERSECTIONS BETWEEN US AND OTHERS FROM *CHUNGUI: VIOLENCIA Y TRAZOS DE MEMORIA* (2009), BY EDILBERTO JIMÉNEZ**

**ABSTRACT:** *A selection of nine reports by Chungui: Violencia y trazos de memoria (2009), by Edilberto Jiménez, I will analyze representations strategies between "we" and "others", both participants in the Internal Conflict in Peru, occurred between 1980 and 2000. In the literature, the reports are presented in two formats: an interlingual translation in Spanish Language, and an intersemiotic translation in drawings. These translations are connected, they also supplement and present a space in which the inhabitants of Chungui could have a place of enunciation and represent themselves at the same time. Thus, the place of "we" belongs to the survivors of this conflict, as well as Edilberto Jiménez himself, anthropologist, sculptor and Quechua speaker; getting involved in some political projects, he stayed in Ayacucho - Where the Chungui district is located - in order to compile the testimonies among those who lived and survived the war, that put Peruvians against Peruvians. The place of the "others" is known as the representations in the reports made by chunguinos people talking about the State, the Peruvian Communist Party and the Armed Forces, which are external to the storytellers lives and therefore, there is a detachment about the "we". And the intersections are apprehended in the violent context of Internal Conflict in Peru, in which the precariousness of life becomes greater, the death becomes something banal and it could happen to anyone.*

---

<sup>155</sup> Mestranda e bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da Universidade Federal da Bahia, orientada pela Profa. Dr<sup>a</sup> Carla Dameane Pereira de Souza. Endereço eletrônico para contato: [k.hawena@hotmail.com](mailto:k.hawena@hotmail.com).

**Keywords:** Translation. Representations. Internal conflict in Peru. Andino.

## COM A PALAVRA E COM O DESENHO, CHUNGUI

Traduzir é representar. Assim o faz Edilberto Jiménez Quispe quando decide dedicar-se numa empreitada pelas comunidades do interior do Peru em busca das histórias das testemunhas e sobreviventes do Conflito Armado Interno (CAI), ocorrido entre os anos de 1980 e 2000. Como membro dos projetos políticos que envolveram o Centro de Desenvolvimento Agropecuário (CEDAP), em 1996; a Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR), entre os anos de 2001 e 2003; e a Comissão de Direitos Humanos (COMISEDH) entre 2003 e 2007, Jiménez fez-se presente naquelas comunidades em que os órgãos do Estado peruano decidiram dar às costas.

Foi durante esses percursos que o antropólogo, retablista e falante de Quéchua, Edilberto Jiménez, recopilou as narrativas dos moradores de Chungui sobre o CAI, nas quais, os próprios sobreviventes narravam o que haviam visto ou vivenciando durante esse período. Esses relatos deram origem ao livro *Chungui: Violencia y trazos de memoria*, o qual é composto por 93 relatos literários<sup>156</sup> acompanhados de seus respectivos relatos visuais. A obra é um dos *corpus* que compõem o meu projeto de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia; e, a partir dela, me proponho a analisar as relações intersemióticas que se dão entre as traduções dos relatos literários para os relatos visuais e para os retábulos produzidos posteriormente por Edilberto Jiménez.

Primeiramente, ressalto que este artigo tem um recorte específico, e abarca apenas as traduções intersemióticas que se dão entre nove relatos literários e relatos visuais selecionados. A partir desses, pretendo tratar das estratégias de representações de um “nós” e de um “outros”, além das interseções que se dão entre esses, perceptíveis através da análise das traduções. Levarei em consideração a maneira pela qual ocorrem essas interseções e de que forma elas contribuem para um distanciamento entre os peruanos.

Edilberto Jiménez Quispe preocupou-se em fazer com que as vozes dos moradores de Chungui pudessem chegar além desse distrito que está localizado na província de La Mar, no departamento de Ayacucho, nos Andes peruanos. Os testemunhos, primordialmente gravados em língua Quéchua e depois traduzidos para a língua Espanhola, foram convertidos em relatos literários e também em relatos visuais. Devido aos dois tipos de tradução presentes no livro – a literária e a visual –, a obra *Chungui: Violencia y trazos de memoria* ganha destaque, pois no contexto de um povo analfabeto, faz-se dialogar primeiramente com eles próprios para em seguida dialogar com demais intelectuais.

O *corpus* é então o que Gilles Deleuze e Félix Gattari (1977) nomeiam como uma literatura menor<sup>157</sup>, pois possui as três características apontadas por esses teóricos, sendo elas a “desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE; GATTARI, 1977, p. 28). É necessário dizer que uma literatura menor, tal como é entendida pelos estudiosos e apresentada por mim ao longo deste trabalho, não se trata mais de um valor qualitativo, trata-se da literatura

---

<sup>156</sup> Trago o relato como gênero literário, a partir do momento em que considero a literatura como um campo expandido.

<sup>157</sup> Ainda que os teóricos façam uso de textos de Kafka, autor consagrado no cenário da literatura da época, para exemplificar a literatura menor, os mesmos trazem claramente os três aspectos necessários para que uma obra possa ser considerada como literatura menor. Por possuir esses três aspectos, apresento o *corpus Chungui: Violencia y trazos de memoria* (2009), de Edilberto Jiménez como pertencente ao projeto de uma literatura menor.

produzida por uma minoria que necessita ser convertida para a língua da maioria – neste caso o Espanhol – para que chegue em outros locais.

Os sujeitos andinos que aqui se enunciam o fazem em sua língua materna, o Quéchuá, língua co-oficial no Peru, juntamente com a língua do outro, o Espanhol. Por esse motivo, é importante haver intelectuais orgânicos dispostos a ouvir o que esses sujeitos subalternizados têm a dizer, fazendo com que seus relatos reverberem além de suas comunidades. Edilberto Jiménez cumpre esse papel ao se propor a recopilar e traduzir em diversos formatos distintos, as narrativas dos moradores de Chungui, exercendo o dever do intelectual orgânico segundo Gramsci, que é o de “ter conhecimentos superiores aos intelectuais tradicionais” (GRAMSCI apud HALL, 2003, p. 207).

Assim, cada testemunho leva um título, as iniciais de quem o narra, a data e a comunidade na qual foi recopilado por Jiménez, quando este, a partir de seus programas de rádio, visitou o distrito de Chungui. Os relatos literários são acompanhados por relatos visuais que se suplementam. O testemunho literário traz a riqueza lexical do idioma quéchuá, bem como a objetividade das descrições de ações violentas observadas ou vivenciadas pela testemunha narradora. O desenho, em forma de relato visual, trata de particularidades de um Peru subalternizado que se aproxima mais da periferia que do centro. O desenho foi a forma pela qual os habitantes de Chungui, analfabetos e falantes do Quéchuá, encontraram para afirmar suas narrativas; pois, de acordo com Edilberto Jiménez, “cada desenho tem uma história [...] eu fiz os rascunhos ao lado dos moradores e eles me indicavam como os fatos haviam acontecido enquanto eu fazia as anotações [...]”. (JIMÉNEZ 2009. p. 22). Logo, Jiménez divide a autoria com os chunguinos a partir do momento em que faz com que sua perspectiva se mescle com as desses sobreviventes. Dessa maneira, a tradução cumpre o ato político de representar as vivências dos sujeitos andinos localizados no distrito de Chungui, e como tal, “exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras” (VENUTTI, 2002, p. 130).

Gostaria de destacar que na análise das traduções, recorri as teorias desconstrutivistas, pois não tenho a intenção de trazer uma discussão sobre a sequência na qual os relatos foram traduzidos por Edilberto Jiménez. Meu objetivo é analisá-los tratando ambos os relatos presentes no *corpus* como suplementos que contribuem para que as narrativas dos chunguinos sobre o Pós-Conflito Armado contribuam com a problematização acerca dos enquadramentos recebidos por esses sujeitos durante as interseções violentas de uma guerra interna. Por esses motivos, a Desconstrução, torna-se um embasamento teórico produtivo, pois tem a intenção de analisar “[...] as diferenças, falhas, mudanças e elisões que fazem parte de todo texto. De fato, é nessa noção de comparação que se podem ver fatores sociais e subjetivos atuando como restritivos” (GENTZLER, 2009, p. 187).

## O CONTEXTO DO CONFLITO

Neste trabalho, trato o “nós” como os sobreviventes do CAI, assim como o próprio Edilberto Jiménez, por ter uma relação de cuidado com os chunguinos. E entendo os “outros”, mencionados nos relatos posteriores ao CAI, como todos os demais que compõe a paisagem na qual Chungui e seus moradores estão inseridos, mas são exteriores à essa cotidianidade; sendo estes: o Partido Comunista Peruano e as Forças Armadas atuantes durante o Conflito e o próprio Estado, alheio às necessidades desses sujeitos.

As interseções se dão entre o nós e os outros a partir da violência de uma guerra civil, em que os direitos se perderam, e fez-se valer um estado de exceção. A morte torna-se banal e passível de acontecer a qualquer um, atualizando, dessa maneira, os “reflexos pós-coloniais

nunca superados pelo Estado peruano” (DEGREGORI, 2009 apud JIMÉNEZ, 2009, p. 27)<sup>158</sup> e uma interação que se dava a partir do “doutrinação e/ou silêncio, o impropério, o insulto, o grito [...] e a forma mais fatal de comunicação: o assassinato [...]” (VERGARA, 2009 apud JIMÉNEZ, p. 27).

Quando a violência sofrida e cometida durante a época do Conflito Armado Interno é tratada a partir do olhar pós-guerra, muitas vezes não se consegue visualizar a lógica própria que essa teve. A promessa de um Novo Estado, feita por parte do Partido Comunista Peruano seduzia os sujeitos localizados nas zonas do interior do Peru, pois, a ideologia da Esquerda Peruana, segundo Gonzalo Portocarrero (2012), possibilitava que os sujeitos andinos saíssem do local de resignação e autodesprezo em que o Estado os havia colocado, ao silenciarem e esquecerem que esses sujeitos também têm necessidades e direitos.

O Partido Comunista Peruano tem sua base política assentada nas ideologias de Mao Tsé-Tung, Marx e José Carlos Mariátegui; nasce num ambiente intelectual e tem como líder Abimael Guzmán, mais conhecido como Presidente Gonzalo. Em Chungui, o Movimento surge de duas formas: a primeira, através das escolas, em que professores que compartiam das ideias do Partido, chegam até as comunidades levando a possibilidade de mudança para seus alunos, divulgando a ideologia da Esquerda e militando sobre a expectativa de que a forma como o poder estava organizado no Peru poderia ser alterada se outros sujeitos colaborassem para que isso acontecesse. A segunda forma em que o Partido aparece na zona de Chungui já é violenta, os membros do PCP, cegados por uma revolução que “tinha como meta o bem futuro à custo do bem presente” (AGÜERO, 2015, p. 51), exigiam um envolvimento por parte dessa população e para tanto, eles tiveram que recorrer ao terror e ao autoritarismo.

Os chunguinos tiveram que abandonar suas casas, seus objetos pessoais, seus animais e sua vida em comunidade para seguir as ordens de um movimento que, segundo Portocarrero (2012), tinha o desejo de abolir as hierarquias, mas na verdade acaba reproduzindo-as. Em seguida, as Forças Armadas do Estado são acionadas e entram em conflito direto com os membros do Partido e qualquer pessoa que os apoiassem. O cenário da cotidianidade em Chungui mescla-se ao da violência, e como forma de opor-se ao terror dos membros do Partido, os integrantes das Forças Armadas atacavam com um terror ainda maior “de maneira que a população civil precisasse escolher o lado que lhe trouxesse menos males, ou seja, o lado que tivesse mais poder de fogo” (PORTOCARRERO, 2012, p. 150)<sup>159</sup>.

Assim, nesse cenário de extrema violência, e com a intenção de mostrar as consequências que vieram com essa guerra civil e ainda são sentidas até hoje pelos moradores de Chungui, trago, a partir das traduções realizadas por Edilberto Jiménez, enquadramentos pelos quais os chunguinos foram submetidos durante a época do Conflito Armado Interno. Para tanto, os relatos escolhidos para serem analisados são: *Trinta pessoas formavam a “Massa”, Tiveram que permanecer caladas, Cortavam suas mãos e orelhas para prestar contas ao senhor Governo, Quantas almas haverá em Chuschiwaycco!, A abóbora e o milho nos ajudaram a viver, Fugimos enquanto dormiam, Quando se inicia a tranquilidade, se inicia o retorno, Como prefeito estou preocupado com as necessidades urgentes e Como podemos perdoar quem matou nossos filhos?* O critério de seleção que utilizei foi o de conseguir captar as mais diversas estratégias de representações que os chunguinos fazem, nas

---

<sup>158</sup> As citações que trago citadas por Jiménez fazem parte dos estudos introdutórios da obra *Chungui: Violencia y trazos de memoria* (2009), de Edilberto Jiménez, e são traduções minhas – da Língua Espanhola para o Português – em coautoria com minha orientadora, a Profª. Drª Carla Dameane. Essas traduções fazem parte de um plano de trabalho realizado entre o período de 2015/2016 no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) durante parte de minha graduação em Letras Vernáculas e Espanhol como Língua Estrangeira Moderna, no qual, realizamos a tradução da obra.

<sup>159</sup> Tradução minha.

traduções dos relatos, sobre os agentes que atuaram na época do Conflito e como essas representações reverberam em suas vidas.

## **NÓS, OS OUTROS E AS INTERSEÇÕES**

Nesta seção me dedicarei a mesclar minha perspectiva com a dos sujeitos que aqui se enunciam para que juntos possamos fazer um trabalho de desenquadramento e questionamento de representações que lhes foram impostas. Aqui, há uma divisão secundária de acordo com os temas que são tratados nos relatos.

### **OS MIL OLHOS E OS MIL OUVIDOS**

Estes relatos tratam sobre a divisão interna a qual o Partido Comunista Peruano – Sendero Luminoso (PCP-SL) submetia os sujeitos andinos de Chungui, dividindo-os em Pioneiros, Pelotões, Corpos Livianos, Força Local, Força Principal e Massa. Aqui, é possível perceber que a população já está vivendo nos montes, o que fazia parte da estratégia de guerrilha que os membros do PCP chamavam de retirada. Nessas retiradas, os moradores eram obrigados a abandonar suas casas, seus animais, seus objetos pessoais e sua cotidianidade para seguir os chefes do Partido, escondendo-se das Forças Armadas em matas e montes.

Sob vigilância do Partido, homens, mulheres, crianças e idosos eram obrigados a participar dos confrontos e das estratégias que os membros do Partido lhes impunham. V. O., quem assina este relato, narra as formas desumanas pelas quais os chunguinos tiveram que conviver para estarem vivos, como o fato de trocarem suas casas para viverem em “[...] pequenas cabanas, em buracos, entre arbustos ou perto de pedras ou árvores [...]” (JIMÉNEZ, 2009, p. 159), nos acampamentos que seus líderes chamavam de monte local.

No relato visual a seguir, é possível identificar o espaço aberto em que a Massa está alocada, e um líder dando instruções para os demais. Esse líder carrega consigo o que parece ser um livro ou uma espécie de folheto com os símbolos do martelo e da foice, referentes à ideologia do Partido Comunista Peruano. Suas roupas se assemelham às roupas dos demais, então a única forma de confirmar que esse homem é o líder do grupo, é o fato de carregar consigo os símbolos do Partido. Também é possível especular a presença de uma mulher, quem, juntamente, com esse sujeito, divide a liderança. Esta mulher encontra-se à sua frente; com roupas também semelhantes às usadas pelas mulheres chunguinas. Eles são os únicos que mostram expressões de quem está comunicando algo, os demais apresentam expressões de tristeza e submissão.

**Relato visual 01** – Trinta pessoas formavam a “Massa”



Fonte: JIMÉNEZ (2009, p. 158)

V. O. também detalha nos relatos as divisões políticas de cada um dos grupos em que o Partido classificava os sujeitos, e as atividades que seriam distribuídas a cada um. Assim,

as crianças tinham que cumprir certas regras de obediência por ordens do chefe militar e político, entre os 4 ou 8 anos de idade eram chamados de ‘Pioneiros’ e recebiam orientações militares, jogos, cantos e hinos do Partido. Os maiorzinhos, até os 12 anos, recebiam o nome de Milícias ou Pelotões, eram os encarregados de realizar tarefas de vigilância, também de ir às lavouras em busca de alimentos. Logo passavam a formar os grupos jovens ou Corpos Levianos, aqueles que já integravam a ‘Força Local’ e a ‘Força Principal’. (JIMÉNEZ, 2009, p. 159)

## OS ABUSOS PARA COM OS CORPOS DAS CHUNGUINAS

Nestes relatos, R. R. H., uma mulher, narra sobre os abusos cometidos pelos homens do Partido e os homens das Forças Armadas aos sujeitos femininos de Chungui. Ela, quem na época estava casada, também foi uma das mulheres que sofreu com a violação sexual e teve que silenciar o fato, não contando a seu esposo. Talvez, o único momento em que essa mulher chunguina conseguiu falar desse corpo traumatizado foi no momento em que Jiménez a ouviu.

R. R. H. expõe dois momentos em que ela foi violentada por agentes atuantes do CAI. O primeiro, por um membro do PCP-SL “numa manhã, quando fui em busca de lenha, um senderista apareceu no meu caminho, ameaçou me matar me mostrando sua arma e me estuprou” (JIMÉNEZ, 2009, p. 170) e o segundo, por um militar: “uma vez, um tenente veio até minha casa e entrou, depois fechou a porta, me agarrou à força e me estuprou”. (JIMÉNEZ, 2009, p. 170).

No relato visual, é possível perceber como ambos os agentes atuantes no Conflito Armado são representados no mesmo espaço sem confronto. No centro, estão as mulheres em posição inferior e subalternizada, implorando pelos direitos a seus próprios corpos, enquanto os homens, de pé, e já seminus, lhes dão ordens para que fiquem imóveis e lhes sirvam.

**Relato visual 02 – Tiveram que permanecer caladas**



Fonte: JIMÉNEZ (2009, p. 171)

**NOSSAS VIDAS SÃO SIM PASSÍVEIS DE LUTO**

Nos relatos a seguir, três testemunhas explanam acerca do que viram acontecer com seus familiares ou outros moradores de Chungui. C.C., T.B. e R. O. narram a maneira como os corpos dos sujeitos andinos eram violentados mesmo depois de mortos, não havendo respeito. A partir do relato visual, é possível perceber a violência com a qual os membros das forças armadas lidam com esses corpos: torturando-os, deixando-os sangrar e sem preocupar-se com um enterro digno para esses sujeitos. Essas vidas, assim como esses corpos são representados como não passíveis de luto. São números, e troféus para prestar contas ao governo e em troca ter mais dinheiro.

**Relato visual 03** – Cortavam suas mãos e orelhas para prestar contas ao senhor Governo



Fonte: JIMÉNEZ (2009, p. 243)

Assim como no desenho acima, as testemunhas C. C., T. B. e R. O. descrevem essas violências, quando narram para Edilberto Jiménez que “os helicópteros traziam os soldados, os *sinchis*, e estes nos procuravam para nos matar como veados e para assediar as mulheres” (JIMÉNEZ, 2009, p. 242). É o que a teórica Judith Butler traz sobre a apreensão da precariedade de uma vida que conduz “a uma potencialização da violência, a uma percepção da vulnerabilidade física de certo grupo de pessoas [...]” (BUTLER, 2015, p. 15).

Os sujeitos andinos, esquecidos e subalternizados pelo Estado peruano, que viviam em Chungui, se num primeiro momento, acolhem ou desconfiam das propostas de Sendero Luminoso, durante o contexto do Conflito Armado Interno; em seguida, são obrigados a escolherem um lado. E independente do lado escolhido, sofreram consequências; pois não havia muita diferença em relação a forma que seriam tratados se escolhessem servir ao Estado ou a Ideologia do Partido. Numa guerra, a precariedade da vida torna-se cada vez mais intensa e “[...] a vida de alguém [...] está sempre nas mãos do outro” (BUTLER, 2015. p. 31).

O relato visual a seguir também exemplifica as questões relacionadas a precariedade da vida e as vidas passíveis de luto. Neste relato visual, percebo também a forma desumana com que os corpos dos chunguinos são tratados. Não há respeito pela vida dos homens, mulheres ou crianças. Eles são trazidos com pescoços e mãos amarrados, chutados, violentados, baleados e por fim, aglomerados numa fossa qualquer ao lado das bases militares.



**Relato visual 04** – Quantas almas haverá em Chuschihuaycco!



Fonte: JIMÉNEZ (2009, p. 279)

Muitos chunguinos faleceram dessa maneira, longe de seus familiares, sem cuidados. Como conta C. M. B., no relato literário referente a esse desenho, em Chungui há um “lugar chamado Chuschihuaycco e os habitantes mencionam que havia cerca de 250 pessoas enterradas ali. O lugar é denominado ‘Cemitério dos terroristas’” (JIMÉNEZ, 2009, p. 278). C. M. B. narra também que sua irmã, juntamente com os seis filhos que ela tinha, foram mortos em Chuschihuaycco, e o sujeito não pôde lamentar suas perdas, pois “não podia estar de luto, pois estava proibido. Se os militares descobrissem que alguém estava de luto pelos defuntos, o matavam” (JIMÉNEZ, 2009, p. 278).

### E O BEM-VIVER?

Outra forma de tratar sobre a precariedade da vida, é afirmando que “a possibilidade de sua manutenção depende, fundamentalmente, das condições sociais e políticas, e não somente de um impulso interno para viver” (BUTLER, 2015, p. 40). Essas condições sociais e políticas trazidas por Butler se ausentam no contexto do Conflito Armado Interno que dividiu e colocou os peruanos contra eles próprios.

No relato visual abaixo, Edilberto Jiménez traduz visualmente o que T.B. narra enquanto estava vivendo nos montes, como parte das estratégias de retirada que o Partido submetia os moradores de Chungui. É possível identificar homens, mulheres e crianças alimentando-se do que conseguiam cultivar: as abóboras e os milhos. O relato literário se centra na maneira em que os chunguinos improvisavam medicamentos e pratos distintos utilizando apenas esses dois tipos de alimentos.

A vida nos montes locais era difícil, os sujeitos andinos estavam sempre sob vigilância dos membros do Partido Comunista e fugindo das Forças Armadas do Estado. Às vezes eles

não podiam deixar vestígios de que estiveram naquele local, por isso nem sempre podiam semear.

**Relato visual 05 – A abóbora e o milho nos ajudaram a viver**



Fonte: JIMÉNEZ (2009, p. 223)

## AINDA ACREDITAMOS

O cenário é de violência, subserviência e sofrimento. Mas também é de luta, de busca por verdades e de vida. Entre as mortes causadas pelos agentes do Estado e as causadas pelos membros do Partido Comunista, os sujeitos chunguinos passam a escolher e lutar por eles próprios, por seus direitos, por suas esperanças. Por isso estes relatos também são importantes. Nestas traduções, Edilberto Jiménez e E. C. mostram o quanto os chunguinos se agarravam às suas vidas.

Ainda presos nos montes locais e sob a tutela do Partido, eles começam a organizar-se, a pensar em outras possibilidades que ainda não foram oferecidas: a de rebelar-se. Através do desenho, percebe-se a maneira como esses chunguinos se acomodavam para dormir, os membros do PCP-SL que os vigiavam e uma tentativa de fuga.

**Relato visual 06 – Fugimos enquanto dormiam**



Fonte: JIMÉNEZ (2009, p. 282)

A testemunha E. C. vivenciou este episódio e sobreviveu para contá-lo. Assim, este sobrevivente narra:

Pensei muito e decidi fugir, era viver ou morrer, e com esforço, fiz com que os demais entendessem. Então, nós, cerca de 20 pessoas, nos preparamos para fugir. Durante algumas horas da noite, mandei que duas pessoas vigiassem e depois, quando as pessoas do Partido dormiram, iniciamos nossa fuga levando apenas nossa roupa do corpo e nada mais [...]. De dia escondidos para não sermos descobertos, e quando escurecia voltávamos a caminhar pelos montes. Assim, em cerca de 8 dias, chegamos ao rio, com fome, descalços e com nossas roupas esfarrapadas. Os que ficaram nos procuravam desesperados [...]" (JIMÉNEZ, 2009, p. 283)

## O REGRESSO

Dois sobreviventes, A. V. e E. L., descrevem a sensação de voltarem ou verem os demais voltando para suas respectivas comunidades. A guerra está cessando, o fim deste episódio já é sabido por todos: a ideologia comunista foi derrotada pelo poder de fogo que o Estado tinha em mãos; o sonho de constituir um Novo Estado, como os membros do Partido e os moradores que os apoiavam almejavam, não foi alcançado. Muitos deles foram capturados pelo Estado, mortos, ou preferem hoje não se identificar como membros do Partido. Ficou a culpa, o trauma, as comunidades devastadas e aproximadamente quatro mil habitantes mortos só no distrito de Chungui.

A. V., uma mulher, lamenta a impossibilidade de voltar para seu povo, pois esse está completamente destruído. E. L., quem não se identifica quanto ao gênero, fala de como a

volta para sua comunidade foi triste, pois não havia escolas, ferramentas para trabalhar na lavoura, nem panelas para cozinhar. Além disso, esse sobrevivente também relata como seu distrito continua no esquecimento: “Até agora não temos o apoio do Estado, por isso incomodamos o prefeito para tudo. Precisamos de uma estrada, água potável, reservatório e canais de irrigação, ferramentas, escola, jardim de infância, igreja, casa comunitária, animais e sementes” (JIMÉNEZ, 2009, p. 302). Através do relato visual a seguir, é possível ver as ruínas da comunidade desse sobrevivente e como o processo de repovoamento se dá de forma lenta.

**Relato visual 07** – Quando se inicia a tranquilidade, se inicia o retorno



Fonte: JIMÉNEZ (2009, p. 303)

## RESSIGNIFICANDO NOSSAS VIDAS

Ainda sobre o processo de recuperação das comunidades que fazem parte do distrito de Chungui. Os relatos que serão apresentados a seguir dialogam com os anteriores, nos quais os sobreviventes narram que só podiam recorrer ao prefeito. Aqui, o próprio prefeito, identificado como D. H. J. relata os problemas enfrentados por ele durante o período de repovoamento em Chungui e como ele se preocupava em fazer com que as queixas dos moradores fossem ouvidas:

Apesar de tudo o que passou, Chungui continua esquecido pelo Governo. Nenhuma autoridade de Ayacucho chegou. Autoridades de Educação, Saúde, Agricultura ou Governo Regional, nenhuma delas chegam a Chungui. Eu sou a autoridade e como prefeito estou preocupado com as necessidades urgentes como a construção de estradas, de pontes que unam os povoados e dessa forma levar ao mercado o que o nosso provo produz. (JIMÉNEZ, 2009, p. 312)

O relato visual suplementa o que é narrado por esse prefeito ao trazer suas angústias e vontades para o cenário chunguino. Dois homens dividem o espaço andino do desenho com gado, eletricidade, colheita, tecnologia, transportes, saúde, uma estrada e uma ponte ao fundo.

**Relato visual 08** – Como prefeito estou preocupado com as necessidades urgentes



Fonte: JIMÉNEZ (2009, p. 313)

## QUANDO O OUTRO É UM DE NÓS

Agora vigiados pela culpa, e ainda tentando conviver com as feridas deixadas pelo Conflito, os chunguinos precisam reaprender a viver em comunidade e para que isso aconteça, eles devem perdoar uns aos outros. Mas como perdoar quem matou seus familiares? É sobre essa questão que E. A. explana nestes relatos. Ao mesmo tempo em que a anistia é necessária, ela também é praticamente impossível de ser dada. Perdoar é esquecer? Como esquecer uma ferida que continua latejando na memória de cada morador de Chungui?

No relato abaixo, observa-se no centro os chunguinos discutindo uns com os outros, e ao alto, o que parece ser a santa trindade cristã acompanhada dos deuses andinos, Mama-Kilya e Inti. A presença dos deuses me leva a pensar em algumas respostas para as questões trazidas com estes relatos, uma delas seria a possibilidade de o perdão ser comparado com um ato divino, acima do plano em que o “nós” e o “outros” estão inseridos. Sugerindo que da mesma forma em que, nesse plano, deuses distintos convivem em harmonia, os afetados e os agentes da violência do CAI poderiam conviver.

**Relato visual 09** – Como podemos perdoar quem matou nossos filhos?



Fonte: JIMÉNEZ (2009, p. 309)

Para finalizar essa consideração, no relato literário, E. A. trata também da falta de autogestão comunitária presente neste Peru Pós-Conflito Armado, nos seguintes trechos: “Por toda essa desgraça é que somos desorganizados, sem líderes, vivemos no ódio e não temos ainda boas orientações por parte das autoridades” (JIMÉNEZ, 2009, p. 309) e “[...]ainda não encontramos um remédio que nos cure para encontramos a solidariedade, a unidade, essa reconciliação sobre a qual falamos tanto” (JIMÉNEZ, 2009, p. 309).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, tratei das representações, interseções e enquadramentos que se deram no contexto do Conflito Armado Interno, fazendo distinção entre um “nós” e um “outros”. Porém, gostaria de ressaltar que no contexto do conflito, em muitos momentos, essas distinções se diluem, como o que acontece com os membros do Partido, que nas narrativas dos chunguinos, são pessoas que surgem de outros locais do Peru, e ao decorrer da luta armada são aceitas pelos moradores, conseguem mobilizá-los e acabam se inserindo no “nós” por um período.

A partir das tensões apresentadas neste trabalho, percebo o quanto os Estudos Culturais e, neste caso os estudos de tradução Intersemiótica contribuem ao estabelecer um diálogo em que política, literatura, cultura e tradução possam dialogar no contexto da Academia e trazer possíveis interpretações para o meu *corpus*.

Quando penso na relevância de estudar *Chungui: Violencia y trazos de memoria*, considero a pertinência de se discutir certos enquadramentos que a mídia, o Estado, e alguns órgãos fazem de sujeitos diversos. Discuti-los é uma forma de mostrar que não se está de acordo, que é necessário um espaço para que se escolha a forma com a qual deseja-se ser representado. É a possibilidade de representar-se de dentro que o Edilberto Jiménez fornece para os sujeitos andinos do distrito de Chungui. E essa é a mesma possibilidade que tenho a intenção de compartilhar com demais estudiosos, quando analiso os relatos desses sujeitos.

Escancaro as violências sofridas pelos moradores de Chungui, trazendo suas vozes para outro contexto – o brasileiro, dentro da academia. Não vivi ou vi o que eles viveram ou viram. Mas olho para essas traduções como quem olha para uma ferida que ainda está cicatrizando, que ainda lateja, que ainda precisa de explicações, de provas, de verdades outras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÜERO, José Carlos. **Los rendidos: sobre el don de perdonar**. Lima: IEP, 2015.
- BUTLER Judith. Vida Precária, vida passível de luto. In: \_\_\_\_\_. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?** Trad. Sergião Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 13-55.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor? In: \_\_\_\_\_. **Kafka – Por uma literatura menor**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. p. 42-25.
- GENTZLER, Edwin. **Desconstrução**. In: GENTZLER, Edwin. Teorias contemporâneas da tradução. Trad. Marcos Malvezzi. 2.ed. São Paulo: Madras, 2009.
- HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu Legado Teórico. In: \_\_\_\_\_. **Da Diáspora – Identidade e Mediações Culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 199-217.
- JIMÉNEZ, Edilberto Quispe. **Chungui: violencia y trazos de memoria**. Lima: IEP, COMISEDH, 2009.
- PORTOCARRERO, Gonzalo. **Profetas del odio: raíces culturales y líderes de Sendero Luminoso**. Lima: Fondo Editorial, 2012.
- VENUTI, Lawrence. A formação de identidades culturais. In: VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marilei de Dias Esquerda, Valéria Biondo. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.